

Sindicalista europeu ataca poder do dólar

370 Precisamos acabar com o fato de o dólar ser a moeda de reserva internacional e o "banco central" dos EUA ser o banco central do mundo." A afirmação é de Hans Klingler, austríaco que preside a Federação Mundial de Empregados, entidade ligada à Confederação Internacional do Trabalho e que congrega 3,5 milhões de bancários, securitários e empregados do comércio em todo o mundo, exceto em países comunistas.

370 Hans Klingler está no Brasil para "conhecer melhor a estrutura sindical do País". Ontem, em São Paulo, em entrevista à imprensa disse que os sindicatos europeus estão preocupados com a crise econômica brasileira, e "pressionam os governos para que eles criem uma nova ordem econômica mundial, favorecendo os países terceiro mundistas". Klingler reconheceu que a dívida externa é o maior problema dos países em desenvolvimento, e falou em "justiça".

370 "É preciso fornecer algo em troca das matérias-primas baratas, com preços colocados pelos países ricos, que o Terceiro Mundo vende. Quando se consegue essa circulação justa, os países em desenvolvimento pagam suas dívidas", afirmou Klingler.

370 Segundo o austríaco, outra preocupação dos sindicatos europeus é com respeito à "rápida exploração dos recursos naturais dos países mais pobres". Os trabalhadores da Europa — disse — querem um cuidado maior nas extrações, "para que não se faça o desmatamento, que poderá criar uma crise econômica mundial sem precedentes e de difícil solução".

370 Quanto à crise econômica brasileira em particular, Klingler afirmou que ela lhe causa "espanto". "É um escândalo essa situação. O Brasil não deveria ter taxa tão alta de desemprego, inflação e fome, pois tem grandes riquezas naturais, ele pode alimentar o mundo. O problema é a injusta distribuição de renda", acusou Klingler, que vive uma inflação anual de 1,5% na Áustria. Para ele, uma forma de solução é os "sindicalistas brasileiros pressionarem seus colegas europeus, para que estes exijam dos governos negociações mais justas com os países em desenvolvimento". Ressaltou que para isso "os sindicatos precisam se desatrelar do Estado".